



IRPF 2025: menores de idade precisam entregar a declaração?

Entenda em quais situações o contribuinte com menos de 18 anos é obrigado a prestar contas ao Leão

A declaração do Imposto de Renda 2025 pode parecer uma obrigação fiscal típica da vida adulta, mas ela também pode ser exigida de menores de idade. De acordo com as regras da Receita Federal, a obrigatoriedade se aplica a qualquer contribuinte que se enquadre em um dos requisitos para a declaração deste ano - independentemente da idade -, mesmo que não esteja incluído como dependente na declaração dos pais ou responsáveis.



• Realizou operações em bolsas de valores (verificar valores mínimos e condições);

• Atividade rural: obteve receita bruta em valor superior a R\$ 169.440,00 ou pretenda compensar, no ano-calendário de 2024 ou posteriores, prejuízos de anos-calendário anteriores ou do próprio ano-calendário de 2024;

• Bens ou direitos (verificar valores mínimos e condições);

• Novo residente no Brasil

• Ganho de capital auferido na venda de imóveis residenciais (verificar valores mínimos e condições);

• Bens e direitos no exterior (verificar valores mínimos e condições);

• Quem atualizou bens imóveis pagando ganho de capital diferenciado em dezembro/2024 (Lei nº 14.973/2024);

• Quem auferiu rendimentos no exterior de aplicações financeiras e de lucros e dividendos (Lei nº 14.754/2023).

Para deduzir despesas com educação, saúde e pensão alimentícia, muitos pais ou responsáveis optam por incluir os menores de idade como dependentes em suas próprias declarações. “Essa opção pode parecer vantajosa, mas, nos casos em que o dependente possui renda própria, também pode resultar em um aumento do imposto devido, uma vez que os valores recebidos são somados à base tributável do responsável legal”, alerta.

Simulações de diferentes cenários de declaração

Uma alternativa para evitar o aumento da carga tributária é realizar simulações com diferentes tipos de cenários e, a partir disso, escolher a opção que resultará em menos impostos a pagar ou maior valor de restituição.

Menor de idade como dependente: nessa simulação, é necessário preencher a declaração incluindo o menor de idade como dependente e informando todos os rendimentos e despesas dedutíveis. É importante

anotar o resultado (imposto a pagar ou restituir) tanto no modelo completo quanto no simplificado.

Menor de idade excluído da declaração: nesse caso, a ficha de dependente da criança ou adolescente deve ser excluída, assim como seus rendimentos e despesas. Também é necessário anotar os resultados nos dois modelos.

Declaração em separado: pais ou responsáveis devem simular uma declaração exclusiva para o menor de idade, para que os rendimentos dele sejam tributados isoladamente. Os gastos com saúde e educação devem constar nesta declaração. A simulação deve ser feita nos modelos completo e simplificado, com os resultados anotados.

Na etapa final das simulações, pais ou responsáveis devem somar os valores apurados na declaração em separado com os da própria declaração (sem o menor de idade como dependente) e, então, comparar essa soma com o resultado da simulação em que o menor foi incluído como dependente. A partir dessa análise, será possível definir qual é a opção mais vantajosa.

O prazo para fazer o envio da declaração do IRPF 2025 é até o dia 30 de maio, às 23h59. Os contribuintes que estiverem obrigados e não cumprirem o prazo estarão sujeitos a multa de 1% ao mês sobre o imposto devido, mais juros, com valor mínimo de R\$ 165,74 e máximo de 20% do imposto de renda devido.

Maternidade sem culpa: o desafio de equilibrar a carreira e filhos

Talita Yone (*)

Conciliar carreira e maternidade é, muitas vezes, um exercício diário de equilíbrio, superação e reinvenção

A chegada de um filho muda tudo: rotina, prioridades, perspectivas profissionais. Mas, principalmente, o olhar sobre si mesma. A gravidez, mesmo quando planejada e desejada, vem acompanhada de um turbilhão de emoções e de cobranças internas e externas que precisam ser enfrentadas com apoio e compreensão.

Vivenciar essa fase em um ambiente de trabalho respeitoso e acolhedor é um fator decisivo. Durante a gestação, é comum que surjam dúvidas, inseguranças e medos sobre o desempenho profissional, sobre a reação da liderança e sobre a estabilidade no emprego. Ter segurança para comunicar a gravidez e seguir com o trabalho até o final do período sem sentir culpa ou receio é um privilégio que ainda não é realidade para muitas brasileiras.

Segundo uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV), cerca de 48% das mulheres perdem o emprego até 12 meses após o término da dispensa de trabalho. Esse dado revela uma realidade preocupante e reforça a importância de políticas de apoio à maternidade no ambiente corporativo. Ainda, de acordo com o estudo “Desafios e Tendências do RH para 2025”, realizada pela Think Work em parceria com o iFood Benefícios, mostra que 49% dos profissionais de RH identificam o equilíbrio entre vida pessoal e profissional como uma das principais prioridades para 2025. Além disso, 43% das empresas afirmam estar criando políticas para apoiar momentos de vida dos colaboradores, como a parentalidade. Isso indica uma transformação positiva, mas ainda insuficiente.

Agora, em plena licença, estou vivendo uma experiência profunda e transformadora. É um período de vínculo intenso com meu filho, repleto de descobertas, aprendizados e também vulnerabilidades. O primeiro mês foi desafiador. Lidar com a falta de sono, as inseguranças e as exigências da maternidade fez com que eu me sentisse em alguns momentos desestabilizada. No entanto, esse período também foi de grande aprendizado. O vínculo com o meu filho, a construção de uma relação única e profunda, trouxe uma nova perspectiva sobre minha própria vida e

minhas prioridades.

A maternidade transforma. Ela desenvolve habilidades como foco, organização, planejamento e resiliência emocional. Com a rotina intensa de cuidar de um bebê, aprender a ser mais eficiente com o tempo e lidar com imprevistos torna-se parte do dia a dia. Esses aprendizados, longe de limitarem a carreira, podem ser verdadeiros impulsores de crescimento.

Mesmo assim, a culpa ainda ronda muitas mães. Culpa por não estar com o filho o tempo todo. Culpa por não render no trabalho como antes. Culpa por tentar conciliar tudo. Segundo o relatório “Women in the Workplace 2024”, da McKinsey & Company em parceria com a LeanIn.Org, a taxa de desistência de mulheres em cargos de liderança ainda é significativamente maior após a maternidade, o que reforça a necessidade de ações corporativas mais consistentes para retenção de talentos femininos.

É preciso que as empresas compreendam que apoiar esse momento não é apenas uma questão de responsabilidade social, mas uma estratégia inteligente de negócios. Mulheres que se sentem respeitadas e apoiadas voltam ao trabalho mais motivadas, engajadas e com um propósito ainda mais claro. A chave para o sucesso está em respeitar o tempo, estabelecer prioridades e, acima de tudo, buscar um ambiente que compreenda a importância desse momento.

Para isso, é essencial que haja redes de apoio internas e externas, políticas flexíveis e, principalmente, respeito ao tempo e ao espaço que essa nova fase exige. Estabelecer limites claros, priorizar o que realmente importa e aceitar ajuda são atitudes que ajudam a atravessar esse período de forma mais saudável e leve.

Maternidade e carreira não precisam ser caminhos opostos. Com o apoio certo, é possível viver ambos de forma plena e sem culpa. Afinal, ser mãe também é ser profissional, e o mercado precisa enxergar isso com mais naturalidade, respeito e estrutura. Aproveite esse tempo, respeite seu corpo e seus limites e não tenha medo de pedir ajuda. Você pode ser uma mãe incrível e uma profissional de sucesso, basta encontrar o equilíbrio que funciona para você.

(*) Gerente de Operações na Actionline.

Transformar eficiência e segurança em vantagem competitiva

Modelo de computação em nuvem permite a empresas inovar com agilidade, reduzir custos operacionais e elevar o nível de segurança, desde que adotado com estratégia e maturidade técnica.

Na era da transformação digital acelerada, a arquitetura serverless, ou computação sem servidor, vem ganhando protagonismo como uma solução que combina eficiência operacional, escalabilidade sob demanda e foco em inovação. Ao eliminar a necessidade de gerenciar servidores físicos ou virtuais, esse modelo permite que as equipes de tecnologia direcionem seus esforços para o que realmente importa: criar produtos, serviços e experiências de valor para o negócio.

Em vez de se preocupar com provisionamento, manutenção e infraestrutura, a empresa adota uma abordagem baseada em funções executadas sob demanda, pagando apenas pelo uso real. Uma estratégia que resulta em menor custo fixo e maior flexibilidade, fatores especialmente relevantes em um cenário de instabilidade econômica e mudanças rápidas de mercado.

Mas o serverless não é apenas uma solução de custo-benefício. Ele também representa uma evolução na forma como segurança e performance se tornam diferenciais competitivos. “Com o serverless, as empresas ganham escala e agilidade, mas também precisam estar preparadas para um novo cenário de riscos. A segurança precisa estar integrada desde a concepção das aplicações. É uma mudança de mentalidade, não só de tecnologia”, afirma Franklin Nunes, Head de Soluções Cloud da Teltec Solutions, empresa 100% brasileira especializada em consultoria e serviços avançados de TI.

Essa abordagem se conecta diretamente a outras tendências globais como DevSecOps, cloud-first e automação inteligente. À medida que empresas dos setores financeiro, varejista e do agronegócio buscam vantagem competitiva por meio da inovação, a capacidade de proteger uma operação com rapidez e inteligência passa a ser tão estratégica quanto o próprio produto que oferecem.

“Quem enxerga segurança apenas como um custo ou uma barreira,

está perdendo a oportunidade de transformá-la em um diferencial competitivo”, reforça Franklin. No entanto, o executivo reforça que a adoção do serverless exige mais do que apenas uma mudança técnica, requer também uma transformação cultural. Em ambientes altamente dinâmicos, a descentralização da arquitetura e a interação constante entre múltiplos serviços e APIs ampliam a superfície de ataque. Por isso, práticas como criptografia de ponta a ponta, políticas de menor privilégio, uso de WAFs (Web Application Firewalls), auditorias contínuas e revisão sistemática de permissões tornam-se indispensáveis.

A Teltec Solutions, que apoia organizações em jornadas rumo ao serverless, destaca que a decisão por esse modelo deve levar em conta a maturidade digital da empresa, seu apetite por inovação e sua capacidade de reagir rapidamente a ameaças ou mudanças de mercado. “Não se trata apenas de reduzir custos. O serverless é uma escolha estratégica, que deve ser pensada no longo prazo e integrada ao plano de crescimento da organização”, conclui Franklin.